

# SOCIOLOGIA DOS DESASTRES

CONSTRUÇÃO, INTERFACES E  
PERSPECTIVAS NO BRASIL

VOLUME III



*RiMa*

© 2012 dos autores

**Direitos reservados desta edição**

RiMa Editora

**Arte da capa**

Arthur Valencio

S681s Sociologia dos desastres – construção, interfaces e perspectivas no Brasil – volume III /organizado por Norma Valencio – São Carlos : RiMa Editora, 2012.

350 p. il.

ISBN – 978-85-7656-255-9

1. Sociologia dos desastres. 2. Vulnerabilidade. 3 Defesa civil.  
4. Mudanças climáticas. I. título. II. autor

CDD 303.4

COMISSÃO EDITORIAL

Dirlene Ribeiro Martins

Paulo de Tarso Martins

Carlos Eduardo M. Bicudo (Instituto de Botânica - SP)

Evaldo L. G. Espíndola (USP - SP)

João Batista Martins (UEL - PR)

José Eduardo dos Santos (UFSCar - SP)

Michèle Sato (UFMT - MT)

*RiMa*

[www.rimaeditora.com.br](http://www.rimaeditora.com.br)

Rua Virgílio Pozzi, 213 – Santa Paula

13564-040 – São Carlos, SP

Fone/Fax: (16) 3411-1729

## CAPÍTULO IV

# MEMÓRIA E PRÁTICAS SOCIAIS DE IDOSOS EM TORNO DO TEMA DOS RAIOS: O CASO DE SÃO CAETANO DO SUL/SP

Juliana Sartori

### INTRODUÇÃO

O medo e o mistério associados aos fenômenos que advêm da natureza constituem parte do imaginário humano. Desde os primórdios, no âmbito das diversas sociedades, as pessoas buscam explicações para seus medos, e hoje, condicionam suas práticas ao tamanho do temor a certos acontecimentos, situações e afins. Os raios são um desses elementos que atemorizam muitas sociedades, sejam os indivíduos ou os grupos nos quais estejam vinculados. Contudo, as representações sobre os raios, vinculadas às diversas tradições, são variadas, moldando condutas que, com o passar do tempo, se tornam naturalizadas. Por outro lado, as representações de cunho científico tendem a moldar outras tantas.

O presente texto tem por objetivo analisar o imaginário social de idosos residentes no município de São Caetano do Sul/SP acerca dos raios. Busca-se evidenciar, nesse estudo, a imbricação dos discursos, das crenças e valores que compõem a memória do referido grupo em relação aos raios, uma vez que o município possui incidência significativa de descargas elétricas. Por mais que consideremos, na atualidade, o senso-comum e o discurso técnico científico como dois universos desagregados, pretende-se analisar, sociologicamente, por meio de um estudo do imaginário, como ambos coexistem na vida cotidiana e nas práticas sociais do referido grupo. Tais práticas derivam da interpretação cultural do fenômeno atmosférico de descargas elétricas, assim como dos estados emocionais e das relações intersubjetivas ocorrentes durante as tempestades, passadas e recentes, entre outros.

O Brasil destaca-se como o país com o maior número de descargas elétricas no mundo, gerando, anualmente, vultosos danos em todo o país. Um estudo feito pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) comparou a incidência de descargas elétricas nos municípios brasileiros e identificou que, em São Caetano do Sul, no período de 2005/2006, houve a maior incidência de raios por km<sup>2</sup> no Brasil com a incidência de 12,1528 raios/km<sup>2</sup>/ano. Já no período de 2008/2009, as estatísticas do INPE demonstram que o município foi o segundo colocado com 12,1919 raios/km<sup>2</sup>/ano. É de significativa importância mostrar que no ano de 2009/2010, o número de descargas elétricas foi de 22.8189 raios/km<sup>2</sup>/ano. Sendo assim, deve-se enfatizar que houve um crescimento de 93,5% do número de descargas elétricas no município, no período de 2008 até 2010. Por esse fato, selecionamos o referido município para realização da pesquisa documental e de campo.

O município de São Caetano do Sul está situado a sudeste (SE) da capital do estado de São Paulo. O número de habitantes é estimado em 152.093 habitantes em uma área de 15,36 km<sup>2</sup>, em que a população de idosos representa em média 16% da população, ou seja, 22.430 habitantes (IBGE, 2001). O município possui o elevado nível de IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de 0,919 (PNUD, 2000).

O desastre é considerado como uma ruptura da rotina de vida em um dado meio social e contexto espaço-temporal. Os desastres articulam *prejuízos materiais, morais, físicos e emocionais* (VALENCIO, 2009, p. 37). E ocorrem tanto como um fenômeno social, quanto como um acontecimento físico (SIENA; VALENCIO, 2009). Por isso, existe uma dificuldade das descargas elétricas se configurarem como incitadores de desastres, já que as ocorrências e seus efeitos constituem-se de maneira *pulverizada*. Ou seja, o desastre causado pelas descargas elétricas está fragmentado em diversas localidades, mas os raios, da nuvem para o solo, são a principal causa de morte por fenômenos naturais após as enchentes (PINTO, 2008). Nos casos de desastres causados por enchentes, deslizamentos de terra, entre outros, a vulnerabilidade precedente de um grupo pode ser mais perceptível por concentrar-se em um determinado território. A vulnerabilidade em relação aos raios é um foco crescente de preocupação da esfera pública, porém, nem sempre na forma como é comunicado pelos órgãos de emergência à população.

Esse estudo se caracteriza como pesquisa social de base qualitativa. Consiste em três partes, a saber: na revisão bibliográfica, na pesquisa documental, e na pesquisa de campo. A revisão bibliográfica consistiu na busca dos autores significativos em torno dos principais temas da presente pesquisa: Memória, Representações Sociais e Imaginário Social. A

pesquisa documental consistiu em análise de registros e fontes providas pela Fundação Pró-Memória do município de São Caetano do Sul e na visita ao Museu Histórico Municipal. E, por fim a pesquisa de campo consistiu em entrevistas feitas com os idosos contatados pela autora em três Centros de Convivência da Terceira Idade existentes no referido município. São eles: (A) o Centro de Convivência João Nicolau Braidó (CEC); (B) Centro Educacional e Recreativo para a Terceira Idade Moacyr Rodrigues (CERTI); (C) o Centro Educacional e de Convivência Francisco Coriolano de Souza.

## MEMÓRIA E IMAGINÁRIO SOCIAL

Inicialmente, quando refletimos sobre o que é imaginação, a vinculamos a algo íntimo, que acreditamos ser produto de nossos sonhos. O que devemos nos ater, no momento, é que o que imaginamos nem sempre é reflexo dos devaneios mais profundos de nossa alma. A imaginação é, também, algo particular, que constitui a subjetividade, e está vinculada ao grupo social ao qual pertencemos. Logo, a compreensão do imaginário não se desvincula do contexto histórico, social, econômico em que o indivíduo está inserido; ou seja, não podemos compreender um universo simbólico sem penetrar nas dimensões culturais que amoldam o sujeito analisado.

Os estudos sobre o imaginário social de idosos não podem se desvincular do estudo sobre memória, pois como bem nos lembra Bosi (1979), os velhos são os *guardiões do passado*. Os mais velhos, a partir de suas experiências, retomam as tradições e lembranças de um tempo longínquo e as insinuam como algo vivo nos meandros do presente. Pela memória dos idosos, percebem-se as transformações ocorridas no espaço, na história, nas instituições, nos papéis sociais e no imaginário social ao longo das gerações.

Inicialmente, a lembrança pode ser compreendida como “*a representação de um objeto ausente.*” (BERGSON, 2006, p. 275). De acordo com Bosi (1979), o verdadeiro propósito de Bergson é elucidar a forma como o passado conserva-se e articula-se com o presente. A maneira que notamos o mundo ao nosso redor, para Bergson, é individual. E as *reações motoras e excitações sensoriais* são proporcionadas pelo sistema nervoso, constituindo a relação do nosso corpo com o universo.

O presente configura-se como um *estado de nosso corpo*, enquanto algo *sensorial e motor* (BERGSON, 2006). Assim, a seleção de uma determinada lembrança, por meio da percepção imediata, emerge a *luz da consciência*. Esse ponto é essencial na diferenciação entre Halbwachs (2006) e Bergson que iremos nos ater, no momento.

Halbwachs debruça seu esforço intelectual para compreender a existência da memória que, para ele, está além de uma relação sensorial e

motora do corpo com o ambiente em que vivemos. O autor propõe a existência da memória coletiva, que influencia e contempla as nossas memórias individuais. Nesse sentido, “*não há lembranças que não reaparecem sem que de alguma forma seja possível relacioná-las ao grupo*” (HALBWACHS, 2006, p.40). Nesse sentido, Halbwachs afasta-se de Bergson por considerar a evocação de uma determinada lembrança, como reflexo das representações constituídas socialmente.

Para Halbwachs, o que é selecionado em nossa memória não é algo que controlamos conscientemente. Há uma dificuldade em perceber a influência da coletividade no que recordamos, pois o que se lembra nos parece particular. Uma “*corrente de pensamento*” social normalmente é tão invisível quanto a atmosfera que respiramos” (HALBWACHS, 2006, p.46). O autor propõe, em sua análise, que a lembrança individual está vinculada à memória social do grupo no qual o sujeito faz parte. Para ele,

a lembrança é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada (HALBWACHS, 2006, p. 91).

Halbwachs não negligencia a permanência intacta do passado em nosso inconsciente, mas não considera que possa existir uma reprodução exata de uma lembrança, pois a nossa forma de ver o fenômeno passado modifica-se ao longo do tempo. A memória deixou de ser uma resposta a estímulos sensoriais, para incorporar algo que lhe é exterior, que estrutura e fundamenta a percepção do mundo que nos cerca. O conceito de percepção no pensamento de Halbwachs configura-se como algo imposto ao grupo, que faz parte de um intenso e constante processo de *disciplina* (social).

Tudo o que nos lembramos e que se torna importante para nós é construído socialmente, por meio do processo de disciplina social, e relaciona-se com a preocupação atual de um determinado grupo, como um acontecimento histórico significativo. Ou seja, quanto mais estamos envolvidos em um determinado grupo social, mais nos aproximamos de sua memória.

O pensamento de Halbwachs pretende, portanto, mostrar que “*cada memória individual é um ponto de vista da memória coletiva*” (HALBWACHS, 2006, p.69).

A particularidade de nosso pensamento, para o autor, está infiltrado em um extenso grau de complexidade, que se vincula a algo múltiplo. Ou seja, estamos, a todo o momento, evocando outras memórias para referirmos ao que é nosso. O pensamento individual parece não existir em si

mesmo, por ser reflexo de uma coletividade. O que pensamos, sentimos e fazemos está anexado ao corpo social do qual fazemos parte.

Inspirada por Halbwachs, Mancuso (1998) considera que o ato de rememorar é constituído coletivamente:

(...) o único estado de consciência puramente individual é a imagem, destacada da palavra. Não há, porém, lembranças às quais não correspondam palavras, assim como não há palavra que não contenha lembranças (MANCUSO, 1998, p. 24).

Nesse caso, a subjetividade da memória só existe na construção da imagem. O que parece sucumbir o indivíduo no processo de construção do pensamento.

Para Mancuso, “*as vivências subjetivas são fortemente marcadas pela cultura*” (MANCUSO, 1998, p. 35). O fato de a cultura influenciar nossas preocupações presentes, e conseqüentemente, o que lembramos, não quer dizer que a única característica puramente individual consistiria na *imagem* da lembrança. Nesse aspecto, a subjetividade permanece obscura no pensamento de Halbwachs.

Michael Pollak (1989) modifica o plano de análise sobre a memória e critica a abordagem teórica inserida na obra de Halbwachs:

Halbwachs não percebe a memória coletiva como uma imposição (forma específica de dominação e violência simbólica), pois para ele, as hierarquias e classificações da memória coletiva são dotadas de um sentimento de pertencimento que reforça as fronteiras sócio-culturais. Como se fosse algo coeso, e existisse uma conciliação entre memória coletiva e individual (POLLAK, 1992, p.4).

O autor nos mostra a influência durkheimiana na obra de Halbwachs ao considerar a memória enquanto um fato social, e coloca que a proposta atual em torno dos estudos da memória consiste em

analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. Aplicado a memória coletiva, essa abordagem irá se interessar, portanto, pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e formalização das memórias (POLLAK, 1989, p.4).

Não nos cabe contrapor ao fato que reconstruímos o presente de acordo com as representações constituídas coletivamente. Importa-nos considerar que o passado se conserva da forma que convém ao indivíduo. Assim,

a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado. (...) A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são funções do momento em que ela é articulada, em que está sendo expressa. (POLLAK, 1992, p.4)

A memória, para Pollak (1992), se estrutura de acordo com as preocupações pessoais e políticas que caracterizam um determinado momento. O autor estabelece três critérios que, direta ou indiretamente, influenciam e constituem nossa memória: *os acontecimentos* – que caracterizam a memória que herdamos do grupo ao qual pertencemos ou mesmo a memória dos acontecimentos que vivemos pessoalmente – *personagens* e *os lugares*.

Para Pollak, as preocupações presentes constituem-se como elementos responsáveis na estruturação da memória. Sendo assim, a memória seria como um “*fenômeno construído social e individualmente*” (POLLAK, 1996, p. 5).

Por influência do pensamento de Pierre Bourdieu, Pollak (1992) considera a memória como um processo que integra a objetividade e a subjetividade. O indivíduo realiza, portanto, um intenso trabalho psicológico que consiste, a todo o momento, no “*controle de feridas, tensões e contradições entre a imagem oficial do passado e as suas lembranças pessoais*” (POLLAK, 1989, p. 12).

Por meio da conciliação das memórias oficiais com as individuais, existe uma intensa contradição em que a memória se configura. Ou seja, pelos desencontros, pelas constantes rupturas, construções e reelaborações do passado que a memória acontece. A memória não permanece intacta, nem coesa, pois ela é uma constante representação de algo que já vivemos. Ao longo de uma história comum e dinâmica “*a memória, no entanto, não é um patrimônio definitivamente constituído; ela é viva precisamente porque nunca está acabada*” (GODÓI, 1999, p. 147).

## HISTÓRIA ORAL NO CONTEXTO DA MODERNIDADE

A história em constante construção modifica o conceito da memória solidificada e precisa. A história é vivenciada por meio das relações cotidianas.

O pensamento de Martins (2008) ultrapassa a compreensão da modernidade brasileira em sua homogeneidade, que caracteriza a pretensão da globalização. O contexto da modernidade no Brasil configura-se de maneira única, pois “*nossa autenticidade está no inautêntico*” (MARTINS, 2008, p.29). Assim, pretende-se mostrar que o moderno foi incorporado pela nossa cultura, não de forma integral, mas *desfigurada*. A proposta do autor seria compreender a forma como “*o moderno e os signos da modernidade são incorporados pelo popular*” (MARTINS, 2008, p. 29).

Nas relações cotidianas, “*no pequeno mundo de todos os dias está também o tempo e o lugar da eficácia das vontades individuais, daquilo que faz a força da sociedade civil, dos movimentos sociais*” (MARTINS, 2008, p. 52).

Para adentrarmos na proposta teórico-metodológica de Martins, é importante compreendermos a vida privada e cotidiana. Há um distanciamento do autor em considerá-la como algo banal ou indefinido, ou mesmo enquanto *rotina dos usos e costumes*. Para ele, a vida privada e cotidiana constitui-se enquanto processo. Ou seja, o cotidiano está diretamente relacionado com o contexto histórico no qual fazemos parte.

O que nos basta, por ora, é compreender como Martins introduz a memória na etnografia do cotidiano. Para ele, a memória

se inscreve e se constrói no cotidiano. Ao mesmo tempo em que apreendemos a memória através do imaginário, do senso-comum, construímos memórias através de nossas relações cotidianas que se perpetuam nos gestos, sentimentos e atitudes.” (MARTINS, 2008, p.129).

Para penetrar nesse imaginário que se concretiza por meio dos gestos, dos cheiros, do modo de falar, é necessário perceber que

a nossa rotina de vida é feita de sobressaltos, do vai-e-vem do cotidiano ao não cotidiano, ao mágico, ao religioso. É um cotidiano inconstituído, apenas evidenciado na realidade vivida da imensa maioria da população (MARTINS, 2008, p. 93).

A proposta de mergulhar no mundo do homem simples mostra uma nova perspectiva, que segue à margem da História Oficial. Para complementar a história documental, é importante contemplar a vida cotidiana e, junto a ela, o senso-comum. É importante conceituarmos senso-comum, pois este não deve ser compreendido como algo *destituído de verdade*, mas algo enquanto *conhecimento partilhado* entre os membros de um determinado grupo social (MARTINS, 2008). O homem simples deve ser considerado como agente da História. Assim, a importância de trabalhar com memórias é que “o relato oral transforma objetos de estudo em sujeitos” (ALMEIDA, 2001, p. 62).

## **RELATOS DO COTIDIANO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ACERCA DOS RAIOS**

A fim de ilustrar o imaginário social de idosos sobre os raios, trazemos os principais relatos colhidos a partir das entrevistas realizadas no município de São Caetano do Sul, em novembro de 2010.

Quando adentramos, especificamente ao tema da pesquisa, foi perguntado aos idosos se, em sua infância, as pessoas de sua família tinham medo das grandes tempestades e o que faziam para se proteger:

se ela (a mãe) estava com alguma coisa, faca, tesoura ela jogava até no quintal. Primeira coisa que ela fazia. E sempre ensinou nós a falar assim: (silêncio) (...) e agora, eu esqueci. *Anjinho da guarda bendito companheiro do senhor, senhor te encomendou que te revistes e embalastes; A minha alma guardastes com festas e alegria.* Ainda lembro de coisa de pequeno, hein? (Pesquisadora: que legal; E sua mãe jogava tudo fora?) Jogava, depois tinha que ir buscar (risos). Diz que atrai o raio os negócios metálicos, né? (...) Acho que é uma coisa que tem que respeitar, não precisa estar agradando, mas tem que respeitar, né? (Entrevistado A, 79 anos).

ela (a mãe) não deixava a gente mexer com tesoura, com faca, não deixava a gente mexer com nada. (...) espelho era mais que ela cobria. (...) ela falava que o espelho chamava o raio, e eu dava risada, tadinha. (...) Quando dava trovoada muito forte, ela pedia pra gente rezar com ela, a gente rezava. (...) o Pai Nosso, Ave Maria, naquele tempo era o que mais se rezava (Entrevistada L, 72 anos, Centro de Convivência A).

não se ligava rádio, TV já não tinha, não se passava roupa, não se mexia em nada de eletricidade, nada de cobre, longe das tomadas (...) rezava o Pai Nosso e Ave Maria pra Santa Bárbara pra acalmar a chuva. Principalmente, quando estava chovendo muito forte e a gente precisava ir a escola, a gente pegava ovo, punha na árvore e rezava, e aí passava a chuva. E, às vezes, passava por coincidência e a gente achava que era aquilo. (...) nós subíamos em cima da árvore com o ovo e deixava lá, rezava o pai Nosso e Ave Maria, e pedia pra passar a chuva, pra agente poder sair (Entrevistado J, 75 anos, Centro de Convivência A),

naquela época, acho que não tinha pára-raios, né? Pára-raios segura? Antes tinha bastante trovoadas. (...) a gente também tinha medo, quando tinha chuva forte, a gente não saía de dentro de casa. (...) Tinha uma época, quando era muito vento e a tempestade muito forte, não é lenda não. Antes os antigos eram muito católicos, minha mãe, quando era sexta-feira santa, ela pegava palmas e ia benzer na igreja. A palma que sobrou do ano anterior ela guardava, ela colocava dentro de uma frigideira com carvão, o fogão era à lenha. E queimava a palma, e saía uma fumaçinha, e isso acalmava a tempestade. Eu não sei se a gente ficava com aquilo na

mente, mas parecia que acalmava mesmo (Entrevistada O, 75 anos, Centro de Convivência B).

Ela (a mãe) dizia pra todo mundo ir pra debaixo da mesa, ou pra rede, pra gente se cobrir lá do pé a cabeça, não sei por que... cobria espelho, não podia ter espelho descoberto. Toda vez cobria, por que diz que puxa o raio. Minha mãe, quando ia na missa, eles benziam as velas, e ela pegava essa vela, e ela acendia a vela benta em casa. Ela dizia: Acende as velas, acende as velas... ela acendia as velas pra tempestade parar. (...) era costume antigo. Na época fazia benzer de mal olhado, fazia benzer, pois não tinha médico. Ou era chá ou benzimento. E parece que dava mais certo do que agora. Por que agora é só remédio e parece que complica mais (Entrevistada Q, 63 anos, Centro de Convivência C).

quando vai dar raio, você tem algumas simpatias que você faz, né? (...) Daí, quando dava temporal, que que a gente fazia? A gente ficava tudo com as mãozinhas assim (direcionadas para o burro do lado de fora da cocheira), porque o burro tem o pêlo, que também atrai (o raio). Então era preferível que fosse pro burro do que pra nós, né? (risos). Então a gente fazia isso. É tudo credence, né?! (...) A gente cobria os aços, não saía lá fora de jeito nenhum por causa das árvores. Meu pai sempre falava. Se a tempestade pegar vocês, não fiquem embaixo de árvore. Mas não tinha muito o que fazer, era árvore pra todo lado. Tinha que confiar em Deus (Entrevistada S, 70 anos, Centro de Convivência A).

meu pai era muito católico, eu lembro que ele guardava uns ramos, do Domingo de Ramos, ele acendia num vasinho aqueles ramos, era um ritual que ele fazia sempre pra espalhar a chuva. Porque eles tinham muito medo, eu não sei como eu não sou medrosa, por que eles eram. (Pesquisadora: e espalhava a chuva?) A gente achava que sim, eu acho que isso é um mito, mas não sei... agora eu acredito que era uma credence. Eu já não sou tão assim. (...) Eles rezavam, eles queimavam os ramos, seria como um incenso, eles guardavam os ramos atrás de um quadro de Jesus que eles tinham. Quando começava a chover, eles iam lá e tiravam um pouquinho...e na época nós tínhamos fornalha a carvão. Então, ele pegava umas brasinhas e colocava num potinho que ele tinha, colocava as brasinhas, os ramos e queimava, ele se protegia da chuva. Deixava lá aceso queimando e aí fazia a oração (Entrevistada E, 64 anos, Centro de Convivência C).

As famílias de A, L e J permaneciam longe de talheres ou qualquer objeto de metal ou cobre. Os que disseram que cobriam os espelhos nos relatos foram as famílias de L e Q. Alguns entrevistados, como E e O, queimavam os ramos da palma benta do Domingo de Ramos. Outros entrevistados também cobriam espelhos, não utilizavam talheres, faziam orações para Santa Bárbara, entre outras práticas.

As gerações anteriores dos entrevistados enfrentavam de forma distinta o fenômeno das tempestades. Quando as tempestades se anunciavam, todos interrompiam suas atividades: quem estava trabalhando na roça voltava para casa; a dona de casa que estivesse passando roupa ou lavando louça e atividades domésticas similares, abandonava imediatamente seus afazeres; chamava as crianças para dentro de casa e tomava as medidas julgadas necessárias para se protegerem.

Todos os entrevistados destacaram a mulher, chefe do lar, como a detentora do medo das descargas elétricas. Essa interpretação merece destaque, pois, por meio dos relatos vemos que o medo existe no outro e para o outro e nunca em si mesmo. Esse aspecto é relevante porque mostra as práticas do passado como algo que possa ser superado, mas esse medo aparece em algumas nuances do discurso dos idosos, deixando, assim, evidente a influência do imaginário do grupo social em relação às tempestades; e, em segundo, pelo papel fundamental da mulher, enquanto figura social de protetora dos membros da família. O ato de fechar a casa, cobrir os espelhos, não mexer com talheres, ficar embaixo da mesa, ou em cima da cama, queimar a palma benta, orar para Santa Bárbara e afins consiste em um *ritual de proteção* contra os raios. A figura materna se caracteriza como a fonte provedora do acolhimento, da proteção, do porto-seguro em que o ato de estarem todos reunidos dentro de casa gera um sentimento de segurança, tranquilidade e pertencimento à família. Mesmo que as práticas do passado tenham se modificado ao longo do tempo, os idosos acreditavam que aquelas medidas protetivas utilizadas realmente funcionavam. A confiança na mãe para proteger seus filhos do inseguro aparece claramente nos relatos, pois ela, por meio de seu escopo cultural, garante o cumprimento de seu papel social.

A tempestade era, também, o momento em que a família permanecia unida, seja em silêncio ou em oração. Enquanto as atividades rotineiras se interrompiam, as mães faziam bolinho de chuvas, contavam histórias para acalmar as crianças dentro de casa, ou mesmo ficavam embaixo da mesa, esperando que a chuva terminasse. Foi relatado que, no subúrbio, grande parte das casas não possuía forro no teto, intensificando as ações das grandes tempestades e seus efeitos sonoros dentro da moradia.

O ritual de proteção que envolve a queima da palma benta do Domingo de Ramos consistia em *simpatias* e evidencia o sincretismo existente nas práticas cotidianas. O *habitus* dessas famílias é composto por um imaginário *familístico, rural* (MARTINS, 2008).

Os relatos de L, E e O indicam a existência de um processo de desvinculação das práticas exercidas no passado, seja por qualificá-las como mito ou mesmo como uma espécie de atraso cultural e o expressam ao rir das práticas do passado. Quando os idosos relatam que, atualmente, têm maior acesso às informações, desvinculam-se e desmerecem o passado. É como se a adesão ao imaginário moderno anulasse a veracidade do outro. Como se houvesse, portanto, um *escalonamento do processo histórico* em que as práticas do passado fossem superadas (MARTINS, 2008).

Quando as pessoas queimavam a palma benta, também faziam orações à Santa Bárbara. A seguir, algumas delas:

eu lembro bem que o meu pai fazia uma reza. Eles tinham tanto medo da chuva, que meu pai tinha uma reza: (...) Santa Bárbara se vestiu; Santa Bárbara se calçou; Seu caminho caminhou; Lá no meio do caminho; Jesus Cristo a encontrou; Onde vais Bárbara virgem?; Vou espalhar a trovoada que no céu anda armada; Espalha, espalha lá pra longe; Lá para o Monte Marinho; Onde não haja pão e vinho; Nem bafinho de Menino (Entrevistada E, 64 anos, Centro de Convivência C).

Já o pai da entrevistada S era benzedor e, sempre que chovia, a família queimava a palma benta e fazia uma oração: “*Santa Bárbara, São Simão; Leva essa tempestade pra longe e também esse trovão*” (Entrevistada S, 70 anos, Centro de Convivência A). A entrevistada P, em conversas informais, também recitou uma oração para Santa Bárbara: “*Santa Bárbara bendita; Que no céu está escrita; Com um raminho bento na mão; Livrai-nos do trovão*”.

Outra crença relevante é a do *machadinho* e da *espada de pedra*, que aparecem nos relatos das entrevistadas S e Q:

quando caía um raio lá, os homens falavam que tinha que esperar 7 anos pra cavar e pegar o machadinho. (...) É o raio, diz que é um tipo de machadinho, que fica embaixo da terra, quando eles estavam na roça e eles viam cair, eles depois de sete anos iam lá e tiravam o machadinho. (...) Se você está na roça, você vê mais ou menos onde ele cai. (...) Eles iam lá e marcavam, era incrível, a gente não acreditava, mas os mais velhos falavam e confirmavam (Entrevistada Q, 63 anos, Centro de Convivência C).

a gente tem lá no interior, um tipo de uma espada de pedra que foi feita por um raio. Ele entrou na terra e fundiu a areia e transformou aquilo num tipo dum estilete. Tá guardado até hoje (Entrevistada S, 70 anos, Centro de Convivência A).

As pessoas tinham costume de guardar a pedra “feita” pelo raio, e alguns acreditavam que servia de proteção, pois, para elas, o raio não caia duas vezes no mesmo lugar. E alguns, somente a guardavam para mostrar o poder que o raio possui.

A rotina de vida transita entre o cotidiano ao não-cotidiano, ao mágico, ao religioso (MARTINS, 2008). A linearidade do processo histórico só existe na forma como é documentada, pois no que é vivido, partilhado e sentido não se desvincula completamente do imaginário, do senso-comum advindo de outra geração.

A entrevistada C veio do município de Registro/SP e, quando era nova, colhia broto de chá em uma fazenda. Ela e toda sua família tiveram um medo constante de raio relata. Informou que, quando estavam dentro de casa,

a gente se escondia em um cantinho ou subia na cama e colocava o cobertor em cima da cabeça, pra não escutar aquele barulho, né? Todos nós, eu e os meus irmãos, e a minha mãe. A gente ficava escondido até acabar o barulho, A gente tinha medo que caísse um raio, por causa das árvores (Entrevistada C, 74 anos, Centro de Convivência C).

Se estivesse chovendo forte em época de colheita ela não podia parar o serviço. Ela informou que o período da colheita se estendia de setembro a abril, que coincidia, justamente, com a época das chuvas:

a gente colocava plástico em cima pra colher os brotos de chá, porque broto de chá não pode parar a colheita, tem dia certo pra colher né? (Pesquisadora: E o que a senhora fazia?) Colocava a capa de chuva e colocava chapéu. (Pesquisadora: A senhora não tinha medo de cair um raio?) Tinha medo sim, mas tinha que trabalhar. (...) O broto de chá vai até março, abril, depois não tem mais. (...) E não pode parar de colher, pois o broto fica duro. (...) Quando estava chovendo muito forte, continuava trabalhando, ou se escondia debaixo de uma árvore. (Entrevistada C, 75 anos, Centro de Convivência C).

O medo que ela tinha de ser atingida por um raio era suplantado pela necessidade de trabalhar e garantir o sustento da família. Ou seja, as prá-

ticas que não poderiam ser interrompidas, nesse caso, eram as atividades vinculadas ao trabalho.

Esse fato relaciona-se também com a influência dos valores morais do grupo social perante o comportamento da família de dona C. Se o grupo social valorizasse mais a proteção contra um evento adverso da natureza em relação ao trabalho, todos estariam protegidos em suas casas, mesmo em período de colheita.

Recorrentes nas entrevistas foram os relatos de ocorrência de pessoas atingidas por raios. Todos os entrevistados, ainda que não conhecessem diretamente, sabiam casos de alguém que foi atingido por uma descarga elétrica ou mesmo que perdeu algo em casa. Dentre eles, os três a seguir:

foram dois eletricitistas, que estavam arrumando umas coisas lá e caiu um raio no prédio e pegou os dois, assim embaixo, eles estavam arrumando o sistema de para-raios no aterramento em baixo. Um estava segurando pra fazer o aterramento, e estava começando a chover e eles acharam que não teria problema e os dois foram queimados. Eu estava em outro local da empresa, meu setor era de calderaria e eles eram de elétrica, estavam instalando o para-raio, aí não deu tempo de nada. Foi aquele estrondo, e os caras começaram a gritar.. – morreu gente, corremos pra ver, chegamos lá estavam os dois queimados. (...) Foram atingidos fazendo a proteção, como não estava pronto ainda, eles acharam que foram negligentes continuar trabalhando, vendo que estava relampião...ainda mais com eletricidade. Acho que faltou um pouco de noção das coisas (Entrevistado D, 65 anos, Centro de Convivência C).

tem uma prima minha lá no Castanho, em Jundiá. Ela morreu de raio. (...) Meu tio tinha seis ou sete filhos. Na hora da chuva todos estavam com os pés na cadeira, ela levantou pegou a Palma-Benta e foi acender no fogo. Na hora que pôs no fogo, o raio furou ela, todos sentados viram quando ela foi atingida, ela tinha uns 18 anos. (...) dá pra acreditar, ela que foi queimar a Palma Benta, que era o costume da época, e o raio pegou ela dentro de casa. Não devia, né? Eu acho que não tem céu, é opinião minha, (...) não tem inferno, acho que não tem Deus, eu sou católico (Entrevistado M, 81 anos, Centro de Convivência B).

eu lembro bem que lá perto do Brás, nós tínhamos um cemitério, as pessoas que iam ao cemitério se escondiam embaixo das árvores pra se esconder das chuvas, e morriam ali mesmo. (...) Cemitério da Quarta Parada. Foram vários casos que nós tivemos

conhecimento. (...) as pessoas não sabiam que embaixo de árvores atraia raios. Então, se escondiam lá ao invés de se esconder na Capela, como as pessoas estavam dentro do cemitério, o local mais apropriado era debaixo das árvores. Não deveria ser assim, mas as pessoas faziam e morriam mesmo. (...) A gente que morava e tinha contato com o pessoal que tinha parentes enterrados lá. Iam, geralmente, em época de finados, a turma até falava: ah eu não vou no finados não... porque finados chove, o pessoal tinha medo (...) por causa do raio. Não sei se é por que tinha muitas árvores lá e atraia, então minha família falava, ah não, eu vou no dia de Todos os Santos, mas no finados não (Entrevistada E, 64 anos, Centro de Convivência C).

No primeiro caso, os eletricitas responsáveis na instalação de pára-raios foram atingidos. Aqueles que proporcionam proteção a terceiros, se expõem ao risco como se não existisse a possibilidade de quem detém o poder tecnológico ser atingido pelo fator de ameaça.

No segundo caso, uma moça foi atingida na tentativa de fazer a oração para Santa Bárbara, isto é, quando estava realizando uma prática ritual protetiva. A morte da jovem desestruturou as crenças familiares. Tanto, que o entrevistado M, mesmo se considerando católico, afirma que Deus não existe. O raio que atingiu a jovem, que ansiava proteger o grupo familiar contra a tempestade foi significado, social e moralmente, como um fenômeno de caráter punitivo. Nesse caso, o raio não foi representado como uma *força de atração* física (como foi considerado por vários entrevistados), pois, no mundo simbólico, o evento foi caracterizado como um *raio que pune*. Vale ressaltar que, durante as entrevistas, quando foi perguntado o que seria o raio para os idosos, muitos consideraram como uma força de atração.

O terceiro caso mostra o tabu existente no município de São Paulo em ir ao *Cemitério da Quarta Parada* em dia de finados. A entrevistada E afirma que diversas pessoas vieram a falecer porque se escondiam embaixo das árvores do cemitério, ao invés de se abrigarem na capela. Ela explicou, em sua fala, que as mortes ocorriam devido à atração das árvores. Em conversas informais com a senhora H, ao relatar a morte de uma moça nesse mesmo cemitério, disse: *“minha mãe contou que a moça entrou rindo no cemitério. E ela sempre dizia que não pode entrar no cemitério rindo. É falta de respeito”*.

Assim, identificamos os limites da incorporação do discurso científico pelo grupo focalizado. Este não se materializa nas representações mais significativas das memórias do grupo. Martins (2008) mostra que o público, por meio do rádio, televisão, internet, entre outros, penetra nas relações cotidianas. E, ao longo das entrevistas, foi constatado que o acesso

à informação de base científica, muitas vezes, mascara o medo, pois o discurso técnico-científico é intimidador.

Porém, durante as entrevistas, quando os idosos falaram sobre suas práticas, em relação às tempestades, pareciam desvincular-se das representações oriundas do saber tradicional. Alguns dos entrevistados, disseram não ter medo dos raios. E disseram ainda que, durante as tempestades, somente fechavam a casa, desligavam alguns aparelhos elétricos e tiravam as roupas do varal. É relevante perceber outra camada de representações na fala dos entrevistados que se diferencia da absorção estrita da racionalidade técnica.

Para ilustrar, seguem dois exemplos a seguir. Primeiramente, dois momentos na fala do senhor J. No início da entrevista:

nossa, tinha e tenho muito medo, eu sou muito medroso com esse negócio de raio, era muito mais... essas coisas dos antigos que não é realidade, a realidade é outra, não é tudo isso aí não... cientificamente hoje, os estudos disso aí, deve se proteger, continuar a mesma coisa, não ficar em lugar exposto quando tem temporal, evitar piscina, esses negócios, mas não é tudo isso aí, hoje em dia tem a televisão, a máquina chamada televisão e a internet, foi uma beleza, hoje as crianças de 4 ou 5 anos já sabe tudo isso aí, sobre tempo, temperatura (Entrevistado J, 79 anos, Centro de Convivência A).

E, ao longo da conversa, o mesmo entrevistado externou outras representações em relação aos raios:

eu sinto que o Papai do Céu está bravo, nós estamos fazendo tanta coisa errada aqui na terra, que Ele fala: Deixa Eu dar uns gritos... pra vê se eles...(...) é pra gente baixar um pouco a bola. Às vezes eu penso isso mesmo, é verdade. Deus pensa: deixa Eu dar um sustinho neles. Não morre quase ninguém, mas assusta (Entrevistado J, 79 anos, Centro de Convivência A).

No caso da entrevistada P, percebe-se uma mudança significativa, entre o tipo de representação sobre os raios no início e ao final da entrevista:

(quando inicia a tempestade) fico em casa, e fecho tudo só se cho-ver forte, pois, agora tem as obrigações também, fazer ginástica, faço compra, vou a banco, então conforme o dia de chuva, se tem que sair eu saio. Eu não tenho medo, se precisar eu saio. A gente evoluiu. (...) acho que era as crendices que eles falavam. Antiga-

mente não tinha rádio, não tinha todas essas informações né? (Entrevistada P, 74 anos, Centro de Convivência C).

Ela disse que não mantinha a tradição da família, como cobrir os espelhos e talheres, para se proteger contra os raios. Mas, adiante, afirmou:

a gente evolui, então, a gente foi aprendendo. (...) até quando era mocinha eu fazia isso. (...) a gente acha que não tem problema, mas às vezes ainda fico com aquilo na cabeça. Ai meu Deus, será que não vai acontecer (risos). Acho que no inconsciente, a gente volta pra aquilo. Incomoda de não cobrir as coisas. (Entrevistada P, 74 anos, Centro de Convivência C).

O discurso científico é tão intimidador que a entrevistada P deixa de cobrir as coisas, mesmo tendo medo de ser punida, nas relações transcendentais, por isso, posteriormente.

A entrevistada R relata que sua mãe tinha muito medo de relâmpagos e, sempre que começava uma tempestade, ela rezava muito, não deixando as crianças pegarem talheres e, ainda, cobria os espelhos da casa. Mas, ela dizia não ter tanto medo como sua mãe:

porque tanto medo, tanto medo, a gente falou assim: se ela tinha tanta fé, né? Rezava tanto não era pra ter tanto medo, né? Mas tinha... (risos) Agora porque? Ah...medo de acontecer alguma coisa, né? Acontecer alguma tragédia dentro de casa, sei lá (Entrevistada R, 59 anos, Centro de Convivência C).

O medo de sua mãe era falhar em seu papel social mais importante, a de protetora do lar. E depois, ela continua:

ah eu vou falar a verdade, né? Acho que por causa da criação também, eu não fico...pondo...rezando...pondo ramos, mas, né? Eu evito, eu evito. Negócio de costura, essas coisas, eu evito de pegar, né? Deve ser por causa do costume mesmo, né? (risos) (...) Mas tem umas coisas assim que ficou, né? (...) No subconsciente, né? Pra ter um pouco de cuidado. (risos) (...) Pra tomar cuidado, né? Também se tiver uma tempestade eu não vou sair se não tem necessidade. Porque os raios estão caindo por tudo quanto é lugar agora, né? (Entrevistada R, 59 anos, Centro de Convivência C).

Os relatos apresentados acima mostram, a todo o momento, uma contraposição do discurso técnico-científico com as *crendices*, que faziam

parte do cotidiano e do lastro cultural, isto é, da forma de interpretação de mundo herdada das tradições familiares que paulatinamente, vão incorporando o novo. Quando dona P diz: “*a gente evoluiu. (...) Antigamente não tinha rádio, não tinha todas essas informações né?*”. A *evolução* não eliminou, completamente, seu medo, já que, ao final da entrevista, ela confessa ter pavor de raio. Tanto, que ela não cobre mais certos objetos em sua casa, mas até hoje tem medo que aconteça alguma coisa. O discurso técnico-científico é incorporado pela população, mas algo ainda permanece, e como bem lembra a entrevistada R: “*deve ser por causa do costume mesmo, né? (risos) (...) Mas tem umas coisas assim que ficou, né? (...) No subconsciente, né? Pra ter um pouco de cuidado. (risos)*”.

Seria possível aos indivíduos se desvincular completamente da trajetória de suas vidas, do que lhe foi transmitido desde a infância, do que foi vivenciado no cotidiano? Se desvincular das *crendices* é esquecer toda a história do grupo. Porém, é dessa forma que a modernidade se configura, ao suprimir o senso-comum, aquilo que é partilhado, pois tudo tem que ser *cientificamente* comprovado. Categoriza-se, portanto, o que é certo, errado, mito, ciência, como se uma forma de compreensão do mundo se contradissesse as demais, as quais precisariam, então, ser descartadas.

Para Pollak (1991), a memória coletiva consiste em uma imposição, uma forma de dominação e violência simbólica já que, a todo o momento, o indivíduo controla as feridas, as tensões e contradições, em torno do constante conflito da imagem pessoal e da imagem oficial. Assim, o que lembramos é algo constituído social e individualmente. Os indivíduos, ao relatar suas memórias pessoais, notam que as mesmas se contrapõem às informações oficiais que lhes foram transmitidas. E o idoso tem que, a todo o momento, lidar com essas contradições entre esses saberes, suas feridas, apreensões e ressignificá-las.

Muitas dos entrevistados diziam não ter medo de raio atualmente. E, quando lhes era perguntado para caracterizar os raios, evocavam respostas influenciadas por um arcabouço técnico. A maioria disse que o raio era o *choque entre as nuvens*, ou mesmo uma *força de atração* que o raio exercia sobre o centro da terra. Mas, quando perguntado o que *sentiam* frente a esse fenômeno natural, houve certo espanto dos idosos com a indagação. E dentre os relatos, percebeu-se a mistura de sentimentos:

Eu fico bem impressionada (com o raio), nem eu não sei o que é.. Que as coisa de Deus é bem feito, né? Eu me assusto mais com o trovão, do que com o raio. (...) Eu acho bonito, ao mesmo tempo, tenho medo. É que as pessoas fizeram a gente ter medo (Entrevistada Q, 63 anos, Centro de Convivência C).

Medo não, mesmo porque a tempestade quando eu ouço o trovão, que ele me assusta, eu já não tenho mais o perigo, porque o perigo já passou, porque quem ouviu o trovão já não tem mais perigo, o perigo é antes. (...) um certo tremor sempre dá...não assim que a gente tenha medo, mas a natureza humana, ela reage. (...) Descarga é um encontro das nuvens que dá... o choque lá, né? E dá a descarga elétrica (Entrevistada B, 75 anos, Centro de Convivência C).

Pra mim (o raio) é coisa de delírio, eu acho que o céu fica lindo, eu adoro a chuva, eu adoro o raio, eu sou observadora da natureza, dá um efeito que nenhum computador, nenhuma imagem consegue, a natureza é bárbara, então é claro que eu fique extremamente emocionada, se precisar ajudar alguma coisa é claro que eu vou ajudar, é claro que tem lugar que alaga, tem gente que desespera, mas eu não vivi esta experiência, então meu filtro é outro (Entrevistada F, 59 anos, Centro de Convivência C).

A natureza é que manda. Cai (o raio) aonde der, não é onde a gente quer. A natureza não tem controle. (...) porque a natureza é solta, não tem controle, ela se manda sozinha (Entrevistada I, 82 anos, Centro de Convivência B).

Sinto medo, acho que é coisa de Deus, mas tem lugar que não chove. E tem lugar que chove, não entendo. (...) Será que é o destino? Não sei...não sei...mas que agente sente medo, sente sim. (...) Dá medo de atingir agente, mas depois que dá o estouro, onde tinha que cair já caiu (Entrevistada L, 74 anos Centro de Convivência A).

[explicação que deu ao filho de seu primo que tinha muito medo de trovão] (...) Quando começou a chuva, o trovão eu falei pra ele: não precisa ter medo não...Você não foi ver eu jogar bocha? Você viu quando a bola bate na tábua? Ele respondeu: já. E eu disse: então, é São Pedro que está jogando bocha lá em cima (risos). Quando ele joga a bola faz esse barulho. Ele disse: ah é? Nunca mais ele teve medo. (Entrevistada H, 81 anos, Centro de Convivência B).

Porque raio pra mim é aquele raio quando cai e estraga onde cai, né? (Entrevistada R, 59 anos, Centro de Convivência C).

Nos relatos, as informações midiáticas se relacionam, a todo o momento, com as crendices, com os *causos* do passado. As representações não são superadas e sim complementadas, retirando, assim, o caráter linear das narrativas socioambientais.

O raio, para a entrevistada R, é “*o raio quando cai e estraga onde cai*”. Ou seja, é raio que pune, que fere, que destrói. Considera bonito ver o clarão no céu, mas sente medo de ser atingida. O medo em torno das descargas elétricas, em geral, é esse: um espetáculo da natureza engendrando afetações, objetivas e subjetivas, no grupo que o vivencia.

## CONCLUSÕES

Durante uma tempestade, sentimentos brotam do íntimo de nossa alma, que partem da mistura do encantamento e do medo de vivenciar esse espetáculo. O barulho das gotas d’água que, violentamente, tocam o chão, os relâmpagos que surgem, por entre as nuvens, e penetram em nosso ser ao som do trovão. E pode nos colocar, em um instante, em contato com algo que extrapola a nossa temporalidade moderna. Nas relações cotidianas, apreendemos o movimento e o acontecer histórico a partir da fluidez do tempo social. Nessa, há diversas temporalidades que se mesclam nos discursos sobre nossa experiência e memória.

No caso do estudo em tela, conclui-se que não existe uma história que deve ser superada, esquecida, pois tudo está articulado em um complexo na vida vivida. Se os entrevistados se desvinculam da memória, negam sua história perpetuada nos gestos, sentimentos e atitudes.

O estudo sobre o Imaginário Social de idosos em relação aos raios iniciou a análise com a relação do raio com desastres dispersos, em vista de elucidar a relevância e a magnitude dos efeitos das descargas elétricas no Brasil. Permite compreender o homem simples, imerso no cotidiano e um plano microssocial desse desastre.

Vimos, por meio do discurso dos idosos, a partir das ocorrências no contexto sul-caetanense, que a relação do homem comum com os elementos da natureza ocorre de forma ambígua. Reproduz-se o discurso técnico-científico em torno das descargas elétricas, em grande parte, desmerecendo as crenças do passado. Mas, os relatos vão descortinando experiências que permanecem vivas em suas memórias, nelas, um repertório alternativo de representações dá espaço às explicações científicas sobre os fenômenos atmosféricos. A tradição permanece nas relações sociais, por mais que novos elementos sejam incorporados no processo. Os idosos incorporam os produtos da modernidade, por meio da imprensa escrita, da televisão, do rádio, da internet. O discurso técnico-científico difundido intimida os entrevistados, que ficam melindrados em dizer que ainda reproduzem as práticas protetivas de outrora frente as grandes tempestades que ocorriam nos dias atuais; ou que, de alguma forma, os medos do passado ainda os assombram.

As histórias da vida cotidiana consistem na força real que movimentam a História. Ao permanecer à margem, essas memórias esvaziam-se de sentido como se fosse algo que se possa descartar. Assim, o indivíduo tem que, a todo o momento, controlar suas feridas emocionais, tensões e contradições, pois a imagem pessoal se conflita com a imagem oficial. E essa imagem oficial, de acordo com Pollak (1981), é forma de violência simbólica, pois as antigas práticas do passado se contrapõem à veracidade do moderno. Não existe um escalonamento do processo histórico, e as crenças e causas que caracterizam a *cultura familística e rural* sejam algo igualmente portador de verdade (MARTINS, 2008).

Em termos sociológicos, é importante atentar os processos através dos quais determinados grupos sociais internalizam o novo, e como isso é incorporado nas relações suas rotineiras. A existência de ambiguidades nas falas dos idosos quando se referem aos medos, sentimentos, práticas em relação ao fenômeno atmosférico dos raios é parte de tais processos.

Na maioria das falas, os idosos disseram não ter medo de raios. Mas, ao longo das entrevistas, o medo que, inicialmente, aparecia no outro, no final da entrevista, reapareceu como sendo reconhecido como o do próprio entrevistado. Pelas beiradas dos discursos, emergiam os seus medos e ansiedades. E por trás das explicações técnico-científicas, os acontecimentos do passado permaneciam na memória. Assim, há um pulsante embate entre o tradicional e o moderno. Compreender o imaginário social sobre as descargas elétricas é penetrar, minimamente, nas relações cotidianas que marcaram a vida dos idosos residentes do município de São Caetano do Sul.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rita Cássia.(2001). *Memórias do rio do Monjolinho*. O processo de Urbanização e os impactos sobre os recursos hídricos. São Carlos, 2001. 120p. Dissertação (Mestrado). Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo.
- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves. – 3ª Ed.- São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*: Lembranças de Velhos. T.A. Queiroz, Editor, Ltda. São Paulo-SP, 1979
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Tradução Fernando Tomaz 12ª edição. Editora Bertrand Brasil, 2009.
- GODÓI, Emília Pietrafesa de. *O trabalho da memória*: cotidiano e história no sertão do Piauí. Campinas, São Paulo, Editora da Unicamp, 1999. (Coleção Pesquisas)
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- MANCUSO, Maria Inês R. *A cidade na memória de seus velhos*. Dissertação de doutorado. 1998. UFSCar.

MARTINS, José de Souza. *A Sociabilidade Do Homem Simples*. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010. v. 1. 172 p

MARTINS, José de Souza . *Subúrbio* (Vida cotidiana e História no subúrbio de São Paulo). São Paulo: Editora Hucitec, 1992. v. 1).

PINTO, Osmar J.;PINTO, Iara R. *Relâmpagos*. 2ª Edição Ed. Brasiliense, 2008.

PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Atlas do Desenvolvimento Humano: PNUD; 2000. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/atlas/>> Acesso em: dezembro de 2010.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n. 3, 1989, p.3-15.

. *Memória e Identidade Social*. In Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992.

SIENA, Mariana; VALENCIO, Norma. Gênero e desastres: uma perspectiva brasileira sobre o tema. In: Norma Valencio; Mariana Siena; Victor Marchezini; Juliano Costa Gonçalves (Org.). *Sociologia dos Desastres: construção, interfaces e perspectivas no Brasil*. 1 ed. São Carlos/SP: RiMa, 2009, v. 1.

VALENCIO, N. Da Morte da Quimera à procura de Pégaso: A importância da interpretação sociológica na análise do fenômeno denominado desastre. In: Norma Valencio; Mariana Siena; Victor Marchezini; Juliano Costa Gonçalves (Org.). *Sociologia dos Desastres: construção, interfaces e perspectivas no Brasil*. 1 ed. São Carlos/SP: RiMa, 2009, v. 1.

## SITE

<http://www.inpe.br/webelat/homepage/menu/infor/ranking.de.municipios.php>